

LINGUAGEM CIENTÍFICA E INTERPRETAÇÃO¹

Nilce da Penha Miguel Panzutti²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é colocar alguns elementos para reflexão sobre a autoridade de textos e a relação de poder que existe tanto na sua construção, como na relação entre pesquisador e pesquisado, autor e obra. Isto é feito discutindo uma corrente de pensamento, a hermenêutica pós-moderna, presente de forma bastante polêmica no cenário teórico-metodológico atual. As considerações deste ensaio sugerem o pensamento crítico indicando que o ato de interpretar, presente em toda elaboração de um texto (técnico ou científico), é seletivo, fragmentado e como tal deve ser considerado.

Palavras-chave: hermenêutica, pós-moderno, interpretação e autoridade de textos.

SCIENTIFIC LANGUAGE AND INTERPRETATION

SUMMARY

This paper aims to reflect upon certain elements regarding authority in texts, as well as the power relationship existing not only in their construction, but also in the researcher-researched, author-text relationships. For this aim, a discussion is made on the post modernistic hermeneutic thought, since it occurs in a very polemic way in the present theoretic-methodological scenery. The considerations herein suggest a critical thought, arguing that the interpretative act, present throughout all text elaboration - technical or scientific, is both selective and fragmented and as such should be considered.

Key-words: hermeneutic, post modern, text interpretation and authority.

1 - INTRODUÇÃO

A interpretação de textos científicos constitui, hoje, importante fonte de reflexão sobre a produção científica de pesquisadores e instituições. Através do solo lingüístico, de um discurso narrativo, apreendem-se idéias e elementos prefigurativos de conceitos teóricos sancionados por uma determinada comunidade científica, tornando-se visível a identificação e interpretação das formas de consciência histórica vigentes em diferentes momentos das instituições e mesmo dos autores. O discurso manifesta uma multiplicidade de dimensões epistemológicas, estéticas, morais, refletindo atitudes intelectuais científicas e filosóficas.

Não muito comum em nossa comunidade de

pesquisadores de economistas agrícolas, o estudo da linguagem, da qual o discurso se afigura como uma das materializações possíveis da comunicação, foi abordado por MACHADO, 1981, 1983 e MACHADO et al., 1984.

Em MACHADO (1981) é analisada a utilização da linguagem como forma do exercício do poder. A linguagem afirma uma convenção social que representa as relações aceitas e preestabelecidas na comunidade, é um modelo coletivo presente em cada indivíduo. O trabalho coloca a questão entre a possibilidade de uma linguagem que se quer científica, que conduz o cientista a uma posição de neutralidade ou uma realidade empírica isenta, e uma linguagem que reflita uma ciência produzida numa sociedade, em tempo e espaço definidos que lhe configura os pressupostos teóricos e ideológicos, nem sempre explícitos. Afirma, em última análise, que a ciência é histórica e sempre uma interpretação. Isso posto, a ciência é também uma construção social.

¹Recebido em 17/04/96. Liberado para publicação em 05/06/96.

²Socióloga, MS, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

Concorda-se com a autora quando ela afirma que a linguagem científica não se esgota na mensagem que veicula, conferindo-lhe um poder especial e quando sugere a inversão da relação cientista-texto contida na visão da neutralidade científica. Em outras palavras, ela propõe que o autor passe a se reconhecer como sujeito determinado, deixando de ser autor-objeto ou aquele subordinado aos constrangimentos da linguagem científica para ser sujeito ativo de seu próprio texto. Essa perspectiva abre espaço para a discussão de uma nova postura do autor diante da realidade e da linguagem científica e tem na hermenêutica pós-moderna uma das mais polarizadas e polêmicas expressões.

Este artigo coloca elementos para a reflexão sobre a autoridade de textos e a relação de poder que existe na sua construção, na relação entre sujeito cognoscente e objeto cognoscível, autor e obra, a partir da discussão sobre uma corrente do pensamento contemporâneo que tem gerado muita polêmica com os cientistas clássicos e mesmo com os hermenêuticos.

A pergunta que conduz este trabalho é: no que a hermenêutica pós-moderna pode contribuir para cientistas de outras áreas que não a antropologia, e mesmo que contribuição pode dar aos trabalhos de sociologia e economia agrícola?

A hipótese que norteia esta exposição é a de que os elementos inusitados colocados por esse movimento intelectual possa introduzir novas formas de pensar temas, definir objetos de pesquisa e abordagens para a economia agrícola.

2 - A HERMENÊUTICA PÓS-MODERNA³ OU INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

A interpretação pós-moderna, segundo ORMINSTON e SCHRIFT (1990), pode ser entendida como uma forma de indicar o que alguns chamam uma

"sensibilidade" ou "mudança" na própria condição da hermenêutica⁴. Referir-se a ela é referir-se as possibilidades da hermenêutica, da história e tradições da interpretação. Estas possibilidades e condições, entretanto, de acordo com essa perspectiva, estão "sempre e já lá", isto é, há sempre e já uma questão corrente, nunca limitada em seus efeitos para um momento histórico específico. Tal como a palavra "interpretação" passa de uma mão para outra, sempre circulando, suspendendo, fragmentando, tornando razoável, mas sempre transformando seu objeto em tema.

A pós-modernidade da interpretação indica possibilidades sempre presentes de alteridade - construção do Outro; indica a diferença de sinais e seu objeto, de interpretação, e o texto, que marcam a vida da interpretação. Essa hermenêutica que é entendida como interpretação de textos, representa em última instância uma mudança na relação entre autor, objeto e leitor. É o resultado das interrogações do cientista contemporâneo sobre os limites de sua capacidade de conhecer o outro, rejeitando as descrições holísticas, procurando expor no texto as suas dúvidas e o caminho que o levou à interpretação sempre parcial.

Definida como um movimento intelectual, a hermenêutica surge na Antropologia como uma crítica à concepção de uma razão voltada inteiramente a obtenção de um conhecimento objetivo que caracterizou o chamado espírito científico, baseado em procedimentos lógicos e metodológicos. Esse movimento seria o gerador do que vem sendo chamado nos Estados Unidos de "Antropologia Interpretativa" e que constituiria o quarto domínio de uma matriz disciplinar⁵. A Antropologia Interpretativa, implementada pelo paradigma hermenêutico, enquanto crítica sistemática às antropologias tradicionais, estaria atualizando, do ponto de vista da matriz disciplinar, a categoria da desordem⁶. O movimento interpretativista norte-americano veio

³Conforme SANTOS (1993): "*Pós-moderno é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o modernismo (1900-1950). E nasce com a arquitetura e a computação nos anos 50. Toma corpo com a arte Pop nos anos 60. Cresce ao entrar pela filosofia durante os anos 70, como crítica da cultura ocidental. E amadurece hoje, alastrando-se na moda, no cinema, na música e no cotidiano programado pela tecnociência (ciência + tecnologia invadindo o cotidiano com, desde alimentos processados até microcomputadores), sem que ninguém saiba se é decadência ou renascimento*".

⁴Arte de interpretar o sentido das palavras, das leis e dos textos. Sobre a definição, âmbito e significado da hermenêutica ver PALMER (1969).

⁵Diferentemente de Kuhn, que considera matriz disciplinar e paradigmas como sinônimos, OLIVEIRA (1985) a define como "*a articulação sistemática de um conjunto de paradigmas, à condição de coexistirem no tempo, mantendo-se todos e cada um ativos e relativamente eficientes*".

⁶Categoria oposta à da ordem e se caracteriza por dominar a subjetividade, o indivíduo e a História (OLIVEIRA, 1988).

reavivar o paradigma hermenêutico vinculado à tradição racionalista e intelectualista européia continental (Durkheim), numa tentativa de recuperação tardia de uma perspectiva filosófica do século XIX. Neste sentido é que se depreende o seu fortalecimento segundo OLIVEIRA (1988).

Na atual corrente, a subjetividade, o indivíduo e a história são reformulados, respectivamente, em intersubjetividade (pressupondo uma troca de subjetividades, entre pesquisador e pesquisado, por exemplo), individualidade e historicidade. Esses três elementos passam a atuar como fatores de desordem - anarquismo epistemológico e experimentos descomprometidos (pequenas narrativas) - naquela Antropologia tradicional sustentada pelo paradigma da ordem que possibilita uma forma de conhecimento objetivo. Longe da univocidade, esta concepção hermenêutica se caracteriza por uma dispersão de influências.

A subjetivação da hermenêutica pós-moderna envolve controvérsia ao colocar razão e ciência sob suspeita. Essa suspeição se expressa por uma rejeição de toda a meta-teoria ou meta-discurso (exemplo, a narrativa marxista da emancipação da exploração e da alienação pela socialização do trabalho; a narrativa capitalista da emancipação da pobreza pelo desenvolvimento técnico-industrial). Excluindo o recurso às grandes narrativas como validação do discurso científico pós-moderno, a **pequena narrativa** (depoimentos colhidos, os relatos orais e as biografias que trazem a voz do Outro, que fazem parte da realidade de pesquisa) permanece a forma que toma a invenção imaginativa na ciência. O consenso, neste sentido, é dado como inatingível e se ele tem a finalidade do diálogo, ele é apenas "um estado de discussões" e não o seu fim (OLIVEIRA, 1988).

Nessa perspectiva não só o meta-discurso é colocado sob suspeita mas o próprio autor passa a ser questionado frente ao saber nativo e sua autoridade é posta em questão, elegendo-se um saber negociado, produto de relações dialógicas onde pesquisador e pesquisado articulam ou confrontam seus respectivos horizontes. As interpretações são geradas então num denominado "encontro etnográfico" e obedecem à dinâmica da chamada "fusão de horizontes" e o texto não pode mais estar submetido a um autor soberano, mas deve integrar o saber do Outro e, melhor se for polifônico, onde as vozes dos Outros tenham a chance de serem ouvidas (OLIVEIRA, 1988).

Autores fazem objeções a essa nova abordagem. Para OLIVEIRA (1988) há o perigo de um desenvolvimento perverso do paradigma hermenêutico que resulte num "interpretativismo" e com isso venha a semear uma total descrença na razão, embora reconheçam haver possibilidades de enriquecimento da disciplina que, graças ao exercício contínuo da suspeita (da teoria, do autor, da exclusividade do conhecimento científico, etc.), introduz uma perspectiva crítica sistemática sobre as diferentes modalidades do saber - caso das pesquisas que trazem depoimentos transcritos.

Assim, na antropologia pós-moderna encontram-se termos como:

1) **polifonia e plurivocalidade**: a voz dos outros mais a voz do que fala, o autor;

2) **co-autoria**: relação entre sujeito cognoscente e objeto cognoscível; situação que se refere ao texto e cujo resultado é a desautorização da voz do autor;

3) **autoria-dispersa**: significando que o autor se dilui no texto, minimizando sua presença e dando espaço aos outros que antes só apareciam através deles. Este conceito corrigiria o excesso da presença do antropólogo nos textos;

4) **objetivação do autor**: transformação do autor em apenas um entre os vários produtores de interpretação;

5) **intersubjetividade**: resultado do mútuo condicionamento histórico (história e linguagem) a que estão sujeitos o sujeito e o objeto;

6) **fusão de horizontes**: relação dialógica que conduz a uma compreensão dupla;

7) **autoridade etnográfica**: poder exercido pelo pesquisador sobre o informante e na elaboração do texto;

8) **contextualização do autor**: reprodução da experiência vivida pelo autor naquele momento histórico do "encontro etnográfico"; e

9) **encontro-etnográfico**: situação em que sujeito e objeto se defrontam colocando em contato suas respectivas culturas, onde um informa o outro.

Na abordagem pós-moderna, o próprio objeto de análise tem uma especificidade. Na interpretação pós-moderna o objeto tem um papel especial à medida que é possível que ele próprio venha a impor determinadas questões para o pesquisador (como no exemplo de PRICE, 1983) em que aquele teve de descobrir a forma cultural específica pela qual o conhecimento

sobre o passado é transmitido entre os Saramakas (descendentes de escravos que vivem no Suriname). O caráter da memória social dos Saramakas ditou a maneira de expressar essa cultura. O estilo veio de dentro. Esta é uma característica do estilo "pós-moderno" de texto.

Para se chegar ao conhecimento pretendido, os pós-modernos utilizam as mais variadas fontes: canções, lendas, histórias, encantamentos ditos eventual e ritualisticamente, versões sobre o passado, arquivos coloniais, processos de tribunais, documentos pessoais, documentos públicos, artefatos culturais, livros contábeis, cartões postais, ficção, não-ficção, manuais, registros clínicos, trabalhos de artes infantis, moda e trabalhos manuais de mulheres. Além, evidentemente, das outras fontes tradicionais. Todas elas mediadas pela forma narrativa do discurso oral ou escrito, quer seja do pesquisado quer do pesquisador.

Outro aspecto da hermenêutica pós-moderna que merece ser mencionado, já que entendida como interpretação de textos, é o da construção dos textos. O estilo de texto pode alterar-se a partir de uma proposta pós-moderna. Cada detalhe do livro, pode ser decidido considerando os possíveis efeitos e as relações de força em que o conhecimento esteja sendo gerado. Enquanto experiência textual também pode apresentar variações do sistema habitual. Ainda no exemplo do *First-Time*, o autor separou a página em duas partes. Na parte superior situou os fragmentos, frases, canções, lendas, encantamentos, etc., agrupados por temas de acordo com seleção do próprio autor. Na parte de baixo, os resultados das pesquisas em arquivos revelando a visão do colonizador da mesma história e a interpretação do próprio Price. Cada parte representa uma versão ou mais, e o autor convida o leitor a fazer a sua própria interpretação.

A hermenêutica pós-moderna encontra uma de suas melhores expressões na antropologia feminista, cujo objetivo é ser crítica em relação à posição da mulher, e, nesse sentido, realiza as possibilidades de uma crítica cultural. O pós-modernismo nesta área tem-se caracterizado por um trabalho de desconstrução de textos etnográficos clássicos e de proposições de alternativas textuais.

O argumento que os pós-modernos americanos utilizam para justificar uma nova proposta é o de que existe uma presença excessiva do antropólogo nos textos, apagando as vozes, as interpretações e os

enunciados daqueles sobre os quais falam. O Outro só existe pela voz do antropólogo que esteve lá e viu, reconstruiu a cultura nativa enquanto totalidade de seu texto. Alegam esses críticos haver uma insuficiência dessa presença no que se refere à crítica de si mesma, sobre o papel que essa presença desempenha na produção de representações, sobre a sua interferência na realidade (CALDEIRA, 1988).

Propõem, por isso, uma nova maneira de escrever sobre as culturas, uma maneira que incorpore no texto um pensamento e uma consciência sobre os procedimentos. Tentam romper o caráter da separação das culturas (pesquisador-pesquisado), tanto quanto o de recriação da totalidade. Nesta perspectiva, há uma relação dialética entre sujeito cognoscente e objeto cognoscível, sem a hierarquia anterior do procedimento clássico da interpretação sobre. A proposta pós-moderna é, dessa forma, uma negociação, o diálogo, a expressão das trocas entre uma multiplicidade de vozes.

Ainda, nessa perspectiva, é atribuído valor de objetividade à diversidade e sua irredutibilidade e a negação da possibilidade de reconstruir uma totalidade que dê sentido a todas as posições diversas. A diversidade das experiências é irredutível. Tudo o que os antropólogos podem fazer é inscrever processos de comunicação em que ele é apenas uma das muitas vozes. O etnógrafo pode evocar, sugerir, provocar, ironizar, mas não descrever culturas. Assim, chega-se ao lado oposto da etnografia clássica: o autor não se esconde para afirmar sua autoridade científica, mas, ao contrário, torna-se presente relativizando sua autoridade.

A posição crítica acima não é reiterada por todos os críticos pós-modernos. CALDEIRA (1988) afirma que há uma crítica que se refere à dimensão política, uma vez que há uma política de textos que discute sobre o estilo e opções textuais onde já está presente de forma não declarada uma relação de poder. O cientista seleciona a forma e o conteúdo do texto a despeito da dispersão do autor entre as diversas vozes presentes no discurso.

Outra questão política apontada é aquela que localizaria os autores em instituições, autores entre si, textos e instituições, num campo epistemológico e de poder, com estratégias próprias e marcadas historicamente. Esta permitiria verificar as relações de poder que definem quais enunciados podem ser aceitos como verdadeiros em cada momento.

A dispersão da autoria e a responsabilidade do autor sobre as intervenções na realidade - a partir de um texto que provoca reações no leitor - são temas em torno dos quais se trava o debate na Antropologia Interpretativa. No momento em que o cientista se transforma num agente de interferência na sociedade estudada, toda atitude representa uma opção ética e política que deve ser pensada.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interpretação pós-moderna reinscreve a importância das pequenas narrativas, propõe a revisão da questão da autoridade dos textos etnográficos, enceta a tentativa de alteração da relação de poder entre pesquisador e objeto/sujeito pesquisado, convocando a participação do leitor como intérprete do texto; nega a busca do conhecimento absoluto (Hegel) e afirma o ato de interpretar como seletivo, fragmentário, incompleto enquanto resíduo constitutivo de seu objeto e de si mesmo; inscreve a necessidade da crítica cultural nos trabalhos etnográficos, mas, mais importante, coloca a questão das relações de poder contidas na elaboração e interpretação de um texto ou de uma pesquisa.

No texto científico, o modo de fundamentar um argumento e dotá-lo de veracidade articula os elementos do empírico, da teoria e métodos utilizados. Analisar a produção científica de um autor, de um período ou de uma instituição é adotar um critério de prudência e condição de produzir sujeitos e objetos. É reconhecer que as perguntas sobre *o quê e como* não são mais suficientes para explicar *o porquê*. Analisar reflexivamente o que se produz é ter a postura crítica necessária para uma condição de *atualidade*, seja ela individual ou coletiva (institucional). A interpretação de textos é uma das formas possíveis para o questionamento da ensejada neutralidade científica; da natureza do próprio objeto de pesquisa, além de ser um caminho para o autor se tornar sujeito ativo de seu próprio texto.

Embora pela sua radicalidade a interpretação pós-moderna possa estar longe da prática cotidiana de pesquisa, os aspectos críticos apontados por essa corrente oferecem importantes elementos para se refletir sobre os limites dos atuais critérios de cientificidade da linguagem científica, da seleção de temas para estudo, assim como sobre a hierarquização exis-

tente entre ciências ou métodos.

Como a produção do conhecimento e do que é reconhecido como conhecimento depende dos métodos e práticas de pesquisa e do produto que a pesquisa obtém, a identificação das práticas em nível institucional pode levantar questões inclusive sobre onde os pesquisadores se encaixam nas diversas formas de produzir conhecimento. Nesse sentido, tais questionamentos são excelentes exercícios de reflexão que podem levar a uma melhor condição de possibilidade de formação do consenso, do descobrimento da verdade ou ainda descortinar que verdades científicas estão vigindo.

Em nível prático, a hermenêutica pós-moderna pode indicar a busca de novas fontes de informações para pesquisas científicas, combinando dados quantitativos e qualitativos, confrontando fontes documentais. Sugere também que o estudo etnográfico de uma instituição ou pesquisador, isto é, o estudo das suas manifestações materiais (textos) pode trazer o conhecimento de novos caminhos e interpretações.

Este trabalho, ao reunir um número de recursos e procedimentos metodológicos da hermenêutica pós-moderna, busca suscitar uma reflexão sobre novos instrumentos e possibilidades de pesquisa, adiantando alguns elementos sobre as vantagens e inconveniências dessa corrente teórica.

LITERATURA CITADA

- CALDEIRA, Teresa P. do R. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. **Novos Estudos CEBRAP**, SP, n.21, p.133-157, jul. 1988.
- MACHADO, Celuta M. C. **Linguagem científica e ciência**. São Paulo: IEA, 1981. 12p. (Relatório de Pesquisa, 01/81).
- _____. **Palavra-decalque: a morte da significação e a editoração científica**. São Paulo: IEA, 1983. 18p. (Relatório de Pesquisa, 10/83).
- _____. et al. **Crítérios para a divulgação da pesquisa científica: uma aplicação da semiótica peirceana**. São Paulo: IEA, 1984. 69p. (Relatório de Pesquisa, 4/84).

- OLIVEIRA, R. C. Tempo e tradição: interpretando a antropologia. In: **Anuário Antropológico/84**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- _____. A categoria da (des)ordem e a pós-modernidade da antropologia. **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília: CNPq, 1988.
- ORMINSTON, L. G. & SCHRIFT, A.D. (Eds). **The hermeneutic tradition: from Ast to Ricoeur**. New York: University, 1990. p.1-35.
- PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1969.
- PRICE, Richard. **First time: the historical vision of an afro-american people**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1983. (In: CALDEIRA, 1988)
- SANTOS, Jair F. dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Col. Primeiros Passos).